

O PODER DO RECORTE: ENTRE ALGORITMOS E ORIENTALISMOS NA DISPUTA DE SENTIDOS NO INSTAGRAM

*THE POWER OF THE FRAME: BETWEEN ALGORITHMS AND
ORIENTALISMS IN THE CONTEST OF MEANINGS ON INSTAGRAM*

MORGANA MACHADO¹

RESUMO

Este artigo analisa o impacto dos “recortes” informacionais nas redes sociais, especificamente no Instagram, como ferramentas de poder hegemônico ocidental que replicam mecanismos que dificultam a formação de uma opinião crítica e autônoma. Investiga-se como a arquitetura das plataformas, em seus filtros operados por algoritmos, movida pela aceleração algorítmica e pela competição tecnológica global, reedita a lógica de um orientalismo, ao retratar conflitos geopolíticos. Utilizando como exemplo a tensão Irã-EUA-Israel, o trabalho discute os modos como um ecossistema midiático fragmenta a realidade, dificultando a formação de opiniões críticas e transformando o espectador em um nó passivo, ao mesmo tempo em que reforça estruturas coloniais e de exploração simbólica.

Palavras-chave: Recorte Midiático; Algoritmos; Orientalismo; Instagram; Formação de Opinião.

ABSTRACT

This article analyzes the impact of informational “frames” (selections or cuts) on social media, specifically on Instagram, as tools of Western hegemonic power that replicate mechanisms hindering the formation of critical and autonomous opinion. It investigates how platform architecture, through its algorithm-operated filters driven by algorithmic acceleration and global technological competition, reverts the logic of Orientalism when depicting geopolitical conflicts. Using the Iran-USA-Israel tension as an example, the paper discusses the ways in which a media ecosystem fragments reality, complicating the formation of critical opinions and transforming the spectator into a passive node, while simultaneously reinforcing colonial structures and symbolic exploitation.

Keywords: Media Selection; Algorithms; Orientalism; Instagram; Opinion Formation.

Considerações iniciais

Recentemente, vídeos do jornalista e escritor uruguaio Eduardo Galeano (2010), sobre o doloroso processo colonial da América Latina, têm circulado nas redes sociais, e nos conduzem a uma grande reflexão: a desinformação contemporânea pode ser considerada uma continuação do saque colonial e econômico que o autor descreveu, transposta para o campo da informação e da cultura? O que antes era um roubo material de ouro e prata, hoje se manifesta como o “saque” simbólico da narrativa, impondo uma visão de mundo que justifica a subordinação

¹ Doutora e mestre em Ciências Sociais (UFSM). Pós-doutoranda no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (UFSM). Especialista em Gestão Pública (UFSM) e Projetos de Mídia (UFN). <https://orcid.org/0000-0003-4669-416X>. morganam.machado@gmail.com

latino-americana. Foucault (1992) em “As palavras e as coisas” já nos alertava que um “saque” narrativo não pode ser considerado apenas a troca de uma mentira por uma verdade, mas a imposição de uma episteme ocidental que determina o que é dizível.

Assim, um recorte midiático sobre o Irã, ou qualquer outra nação que busque soberania, funciona como a “dívida externa” descrita por Galeano: um mecanismo que mantém o país em uma posição de eterna subordinação moral e política perante a opinião pública ocidental. Neste cenário, Alessandro Aresu (2024) nos permite entender que algoritmos treinados em contextos imperialistas realizem a “história escrita pelos vencedores” em tempo real. O Instagram, ao priorizar recortes que demonizam o “Oriente”, torna-se palco desse espetáculo, negando a esses povos o direito à sua própria história, gerando o que Galeano (2010) chama de desmemória e alienação. E a isso, Edward Said (2007) denominou orientalismo. Para o referido autor, o Ocidente criou um “Oriente” imaginário, estático, irracional e perigoso, para justificar sua dominação. O Instagram automatiza essa criação por meio do que podemos chamar de uma espécie de orientalismo algorítmico. Ao priorizar recortes que demonizam o Irã, a plataforma opera uma curadoria que não apenas seleciona fatos, mas projeta uma episteme imperialista em tempo real.

Sob a perspectiva da Comunicação Organizacional, cumpre destacar que as chamadas *big techs*, a exemplo da Meta, corporação proprietária do Instagram, dentre outras, não operam meramente como suportes técnicos neutros, mas sim como organizações privadas transnacionais dotadas de intencionalidade política e econômica. No ecossistema das tecnologias emergentes, essas corporações assumem uma função de governança privada que dita as regras do debate público. Assim, esse “poder de recorte” e a consequente expropriação algorítmica deixam de ser fenômenos puramente tecnológicos para se consolidarem como estratégias de comunicação corporativa. Trata-se de uma dinâmica de poder organizacional que visa à manutenção do engajamento e à reprodução de capitais, alinhando-se, frequentemente, a interesses hegemônicos de blocos de poder do Norte Global.

Desta forma, naturalmente, o acesso à informação é mediado por arquiteturas digitais que priorizam intencionalmente essa fragmentação. Um “recorte” não é apenas uma seleção editorial, mas um exercício de poder que delimita o que é visível e o que deve permanecer na obscuridade, gerando um impacto significativo entre o “visto” e o “não visto” ou “não entendido” sobre culturas e vidas, por meio de informações em mídias sociais. Essa reflexão sobre a dificuldade de sobreviver intelectualmente ao fluxo de notícias das redes sociais, onde a hegemonia ocidental utiliza a tecnologia para perpetuar visões e confusões de mundo binárias e redutoras é nosso ponto de partida para tentar compreender como a construção da opinião pública sobre o “outro”, especificamente aqui o Irã, é moldada por filtros que reatualizam estigmas coloniais. A formação de opinião não é mais apenas um processo cognitivo, mas o resultado de uma geopolítica da técnica. Os “recortes” de notícias sobre o Irã no Instagram não são um “erro editorial”, mas um produto da aceleração algorítmica que opera sob a égide de potências tecnológicas, onde o “Oriente” é processado por modelos de inteligência artificial treinados sob o viés ocidental.

A pertinência de analisar a construção da imagem do Irã pelo Ocidente no escopo deste trabalho justifica-se pelo fato de que este cenário geopolítico funciona como o laboratório empírico ideal para visualizar a governança discursiva dessas corporações. A representação de um “Oriente” perigoso e exótico (Said, 2007) ganha uma roupagem automatizada na contemporaneidade. Não se trata apenas de uma disputa narrativa estatal, mas de um fenômeno mediado pelas infraestruturas técnicas e diretrizes corporativas das *big techs*. Portanto, o caso do Irã é

trazido a esta investigação não como um debate geopolítico isolado, mas como a evidência material de como o “poder de recortar” dessas organizações privadas atua na fabricação de regimes de verdade em escala global.

Para isso, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa e exploratória, utilizando a análise de conteúdo e de interface. O objeto de estudo consiste na observação da circulação de notícias sobre a guerra e as tensões entre Irã, EUA e Israel no Instagram. A metodologia foca em: identificar os enquadramentos ou *frames* utilizados por perfis de mídia hegemônica ocidental (Gramsci, 2002); analisar como a arquitetura do algoritmo, em seus “filtro bolhas” (Pariser, 2012), privilegia narrativas alinhadas aos interesses geopolíticos do norte global; e contrastar essas representações com os conceitos de “verdade” e “poder” em uma perspectiva pós-colonial.

Para a realização desta pesquisa, optou-se por um desenho metodológico de natureza qualitativa e exploratória, utilizando como procedimento principal a Análise de Conteúdo de base categorial temático-estrutural proposta por Laurence Bardin (2013). O universo da pesquisa foi delimitado na plataforma digital Instagram. A definição do *corpus* e o levantamento empírico seguiram critérios sistemáticos de amostragem. A coleta de dados compreendeu o período de 3 a 7 de março de 2026, intervalo marcado por expressivo acirramento das tensões geopolíticas envolvendo o Irã no cenário internacional, o que gerou um fluxo comunicacional intenso na plataforma. Foram rastreadas publicações em perfis de largo alcance, especialmente postadas por veículos de mídia hegemônica ocidental, bem como de perfis de jornalismo independente/ contra-hegemônico, utilizando as palavras-chave de busca tais como: #Irã, #IrãEua, #Geopolítica e #OrienteMedio. O levantamento inicial bruto identificou aproximadamente 20 postagens. Após a aplicação de filtros de exclusão, tais como eliminação de postagens duplicadas, vídeos em formato *reels* sem apoio de texto e postagens de caráter estritamente pessoal, fixou-se o *corpus* definitivo de análise em 12 postagens, as quais foram integralmente anexadas nessa reflexão. Na prática, realizou-se uma espécie de “leitura flutuante” das postagens selecionadas para o contato direto com o material textovisual. Nesta fase, definiram-se as unidades de registro (UR) como sendo os fragmentos temáticos e adjetivações contidos nas legendas dos posts, e as unidades de contexto (UC) como os elementos de enquadramento estético e visual das imagens associadas. Procedeu-se às operações de codificação, inventariação e categorização. As unidades de registro extraídas das legendas e imagens foram isoladas e agrupadas por analogia semântica. Ao fim, os dados brutos foram condensados e submetidos à reflexão teórica fundamentada no escopo deste dossiê, fazendo emergir as categorias de análise que discutem o papel organizacional das big techs na mediação de sentidos.

Quadro 1 – Operacionalização da análise de conteúdo (Bardin, 213)

Nível da Análise Empírica	Unidade de Análise / Pergunta Operacional	Referencial Teórico Conectado
1. Dimensão Organizacional	Quem é a corporação proprietária da plataforma? Quais suas diretrizes de moderação no fluxo de informações?	Capitalismo de Plataforma / Governança das Big Techs
2. Discurso Textual-Visual	Quais léxicos e enquadramentos de imagem foram selecionados no 'recorte'? O Irã é colocado como sujeito ou objeto exótico?	Foucault (Arqueologia) / Said (Orientalismo)

Nível da Análise Empírica	Unidade de Análise / Pergunta Operacional	Referencial Teórico Conectado
3. Temporalidade e Fluxo	A postagem incentiva a contextualização histórica ou empurra o usuário ao <i>scroll</i> e à reação emotiva imediata?	Aceleração Algorítmica / Consciência de Classe Digital

Fonte: elaborado pela autora

Utilizando essa análise (Bardin, 2013) e interfaces apresentadas no quadro 1, procuramos observar como o Instagram acelera narrativas de conflito Irã-EUA-Israel para gerar engajamento, sufocando uma complexidade histórica e cultural, que poderia esclarecer tomadas de posição, em favor de binarismo algorítmico hegemônico, atizado por vídeos feitos por IA e notícias falsas que, como sempre tentam moldar negativamente a opinião ocidente sobre o oriente, onde a inteligência artificial e os algoritmos de recomendação do Instagram deixam de ser ferramentas neutras para se tornarem os novos escrivões da “história escrita pelos vencedores”.

“Veias abertas” do fluxo digital e uma desinformação dos sentidos

Em sua obra prima de 1971, Galeano (2010) analisou como a América Latina se especializou em perder para servir aos centros de poder (Europa e EUA), onde a riqueza gerada aqui nutre a prosperidade alheia. Quase 40 anos depois, a “veia aberta” hoje é cultural e informativa, deflagrada, cada vez mais, por processos de desinformação midiática. Grandes corporações midiáticas ocidentais ditam a agenda, narram nossos conflitos e definem quem é “democrata” ou “populista”, muitas vezes ignorando as reais causas dos problemas locais para proteger interesses financeiros do norte global. Essa desinformação ocidental tem sido discutida e funciona criando uma “verdade” única, entre recortes e imagens constantemente reeditadas em pequenos e múltiplos vídeos que perfazem nossas *timelines*, cada vez que abrimos um feed no Instagram, o que, por sua vez, silencia as lutas sociais locais e minimiza os impactos do imperialismo.

Galeano (2010) alertava que uma expropriação continua com novas formas, como a dívida externa e o controle de recursos, nesse mesmo viés, observamos a “riqueza” informativa do Oriente sendo saqueada e simplificada para consumo rápido no Ocidente, servindo a propósitos de dominação ideológica. Em redes sociais como o Instagram, uma estrutura (Crowford, 2025) revela que a desinformação contemporânea pode ser considerada uma fase superior ao saque colonial de outrora, operacionalizando o que denominamos “saque” narrativo. Essa “ordem as coisas” no Instagram pode ser entendida pelo pensamento de Foucault (1992), que argumenta que cada época possui um código fundamental de cultura que estabelece as redes de percepção. Esse “recorte” que se torna algorítmico, é proposital. O algoritmo não apenas “seleciona” uma notícia e define semelhanças e diferenças, que, por sua vez, permitem-nos reconhecer um Irã apenas como “ameaça” ou “exótico” do religioso, mas nunca como sujeito, construindo assim uma nova episteme técnica.

Como “nomear é dominar” (Foucault, 1992; 2012), esse “saque” simbólico ocorre quando a estrutura midiática ocidental retira das mãos do sul global a capacidade de nomear a si mesmo. No Instagram, a “algoritmização” (Machado, 2025) atua como uma taxonomia invisível: ela clas-

sifica o conflito EUA-Irã dentro de categorias pré-estabelecidas pelo poder hegemônico. E se para Galeano (2010), as veias estão abertas pelo roubo de recursos, para Foucault (2012), uma “veia aberta” pode ser entendida como um hiato entre as palavras (o que a mídia diz) e as coisas (a realidade material do conflito). O saque ocorre justamente quando a representação substitui o objeto, de modo que o espectador não vê mais o Irã, mas apenas um “recorte” que o Ocidente fabricou sobre ele.

Assim, uma desinformação midiática pode ser entendida como a continuação do saque colonial e econômico que Galeano (2010) descreveu, transposta para o campo da informação e da cultura, e que atua, demonizando líderes que buscam soberania e justifica golpes de estado, sejam militares ou “blandos”/jurídicos, como ações necessárias para a “ordem”. A mídia ocidental frequentemente noticia protestos populares como “vandalismo” e a ação de corporações como “investimento”, invertendo valores para confundir a população. E como propõe Foucault (1985), o poder não está apenas no Estado, mas capilarizado. No Instagram, ele se manifesta na curadoria invisível que decide qual “recorte” de uma guerra merece o like ou a indignação. Na prática digital, o algoritmo isola o usuário em um espelho de suas próprias crenças (Pariser, 2012), impedindo o contraditório e consolidando a visão ocidental como única verdade possível.

Nos moldes de Said (2007), um “novo orientalismo” é construído na representação do “inimigo” em cenário midiático ocidental, onde são sabemos ao certo sobre suas crenças, ações, valores e princípios. No caso do Irã, a mídia cria um Irã “perigoso” ou “atrasado” para justificar intervenções e sanções. O recorte ocidental retira a agência histórica do povo iraniano. Uma “ordem das coisas” é agora automatizada. Quando o algoritmo acelera o conteúdo (Cocco; Fortes, 2025), ele impede que o sujeito faça sua arqueologia do saber (Foucault, 2012): não há tempo para escavar as camadas de interesse por trás de um *post*; há apenas o consumo imediato do signo “saqueado”. Aresu (2024) entende que algoritmos treinados em contextos imperialistas realizem a “história escrita pelos vencedores” em tempo real. Segundo o referido autor, a IA não é apenas *software*, é uma arma geopolítica. No caso do Irã, o “recorte” informativo é sustentado por infraestruturas de grandes corporações, as chamadas *big techs*, que detêm a hegemonia dos semicondutores e dos modelos de linguagem. O Irã é visto através de uma “lente algorítmica” que pertence a um bloco de poder específico, o que torna a “verdade” sobre o conflito um ativo de guerra informacional. Uma “algoritmização” (Machado, 2025) atua aqui como um capataz moderno: ela não precisa de chicotes, apenas de notificações e recortes enviesados que fazem o oprimido ver o mundo “através dos olhos do estrangeiro”. Conforme Cocco e Fortes (2025), uma aceleração algorítmica não apenas cansa o usuário, mas o impede de realizar o luto ou a reflexão necessária para a soberania.

Ao trazer esse debate para o campo da Comunicação Organizacional, percebe-se que as plataformas digitais reconfiguram as noções tradicionais de emissor e mediação institucional. As diretrizes de moderação de conteúdo, as políticas de uso e o design das interfaces do Instagram funcionam como os aparatos burocráticos e normativos dessa nova estrutura organizacional. Quando a plataforma impõe uma temporalidade acelerada e fragmentada, ela está exercendo um poder institucional de moldagem cognitiva sobre a sociedade. Problematicar a perspectiva das organizações implica reconhecer que as *big techs* agem como os mais potentes agentes políticos contemporâneos, cujos ‘recortes’ informacionais gerenciam de forma invisível a percepção pública sobre crises globais e esvaziam a capacidade de agência e a consciência crítica dos sujeitos.

A fim de compreender a materialização do poder hegemônico das *big techs* nas dinâmicas de circulação de informação, é preciso observar como essas organizações operam em contextos de crise internacional. É nesse ponto que a reatualização de um Orientalismo (Said, 2007) se manifesta como um dispositivo corporativo. Ao analisar a imagem do Irã construída pelo Ocidente nas redes sociais, desvelam-se os critérios coloniais invisíveis que programam os algoritmos de recomendação. O Irã, portanto, surge como o objeto de análise que permite desconstruir a suposta neutralidade das plataformas, demonstrando como a arquitetura organizacional do Instagram está umbilicalmente ligada à reprodução de enquadramentos que desterritorializam, fragmentam e silenciam as narrativas soberanas do Sul Global.

E para tanto, um recorte impede o “tempo da história” (Galeano, 2010) e impõe o “tempo da plataforma”, de maneira que a própria aceleração impede que o usuário conecte as causas estruturais do imperialismo às notícias de última hora. Em uma realidade codificada, o processo de sobrevivência informacional torna-se difícil porque o algoritmo não apenas apresenta o recorte, ele antecipa o que o usuário deseja consumir sobre o Irã, criando um ciclo de retroalimentação de preconceitos orientalistas. A algoritmização, que faz da vida um dado e do recorte um destino, transforma a política em estética e a guerra em espetáculo fragmentado.

Resistência crítica em um universo de “recortes”

As reflexões de Eduardo Galeano (2010) nos permitiram entender a necessidade de dar voz aos oprimidos e reescrever a história colonial, que foi contada apenas do ponto de vista do dominador. A sobrevivência informativa na era das redes passa por uma compreensão dos modos como nos conectamos (Van Dijck, 2016). Para isso, ferramentas como o Instagram são fundamentais; mas, não são neutras. Suas lógicas de engajamento favorecem um conteúdo emocional e rápido, a que denominamos recorte.

A forma sensível sobre como podemos observar esses “recortes”, que se referem à seleção e compilação das próprias notícias, matérias, menções e conteúdos divulgados por meios de comunicação em geral, mas agora, muito mais voltados para a retroalimentação midiática das redes sociais. Utilizando Foucault, percebe-se que o algoritmo opera sob uma vigilância produtiva em torno desses recortes. Ele não proíbe a informação sobre o Irã real, mas produz uma “superabundância de recortes” que desorienta. O poder não é mais repressivo, mas facilitador de uma visão de mundo específica que mantém “veias abertas” da periferia global através da exclusão digital e narrativa.

O resultado é uma simbiose perversa, em que o “saque” narrativo despoja o Oriente de sua complexidade, enquanto a aceleração algorítmica (Cocco; Fortes, 2025) impede qualquer esforço de contextualização, consolidando o que Galeano define como desmemória, em que o Instagram funciona como uma espécie de “mina” de onde se extrai a atenção e se devolve a alienação, mantendo a dependência cultural do sul global em relação às narrativas do Norte. Atualmente, esse processo é articulado por mecanismos de IA (Aresu, 2024) para um projeto de representação do Oriente como “inferior” (Said, 2007).

A formação de opinião nas redes sociais configura-se como um embate de forças onde o feed do Instagram disciplina o olhar e normaliza o “recorte” como verdade única (Foucault, 1985). Resistir a essa estrutura exige a construção de uma consciência de classe digital (Lukács, 2018), que identifique o usuário não como mero espectador, mas como força de trabalho produtora de dados, o novo “ouro” de Galeano (2010). Nessa perspectiva, o recorte midiático deixa de ser visto como fato e passa a ser compreendido como mercadoria desenhada para o engajamento e o preconceito orientalista. A sobrevivência intelectual demanda, portanto, a transição do sujeito de consumo, reagente à aceleração algorítmica (Cocco; Fortes, 2025), para o sujeito de saber. Este último opera uma arqueologia da imagem (Foucault, 2012), questionando a neutralidade da IA (Aresu, 2024) e desvelando os interesses geopolíticos que pautam a visibilidade do Irã em tempo real.

Metodologicamente, realizou-se uma “arqueologia do feed” por meio de abordagem qualitativa e exploratória, fundamentada na Análise de Conteúdo (Bardin, 2011). O objetivo foi investigar a “algoritmização” das notícias sobre o Irã no Instagram e como o recorte técnico opera o silenciamento político. O corpus compreende postagens de veículos da mídia hegemônica e perfis de contraponto, analisados sob dois eixos: 1) A estética do conflito, que observa como a edição de imagens e legendas binárias reforça o Orientalismo (Said, 2007); e 2) A dinâmica da aceleração, que examina como o impulsionamento de recortes emocionais pelo algoritmo obstrui a análise das causas históricas e a memória coletiva (Galeano, 2010).

Para transformar o ato de consumir notícias em um ato de sujeito de saber, nossa metodologia propõe um “protocolo de desconstrução” em três níveis:

Quadro 2 – Protocolo de desconstrução

Nível de Análise	Pergunta Norteadora (Sujeito de Saber)	Referencial Teórico
Nível 1: Infraestrutura	Quem é o dono da plataforma e onde os dados são processados? (Geopolítica da IA)	Aresu (2024)
Nível 2: Discurso	Quais palavras foram "saqueadas" do contexto original? O Irã aparece como sujeito ou objeto?	Foucault (2012) / Said (2007)
Nível 3: Temporalidade	Esse post me convida à reflexão histórica ou me empurra para a reação imediata (aceleração)?	Cocco e Fortes (2025) / Galeano (2010)

Fonte: organizado pela autora

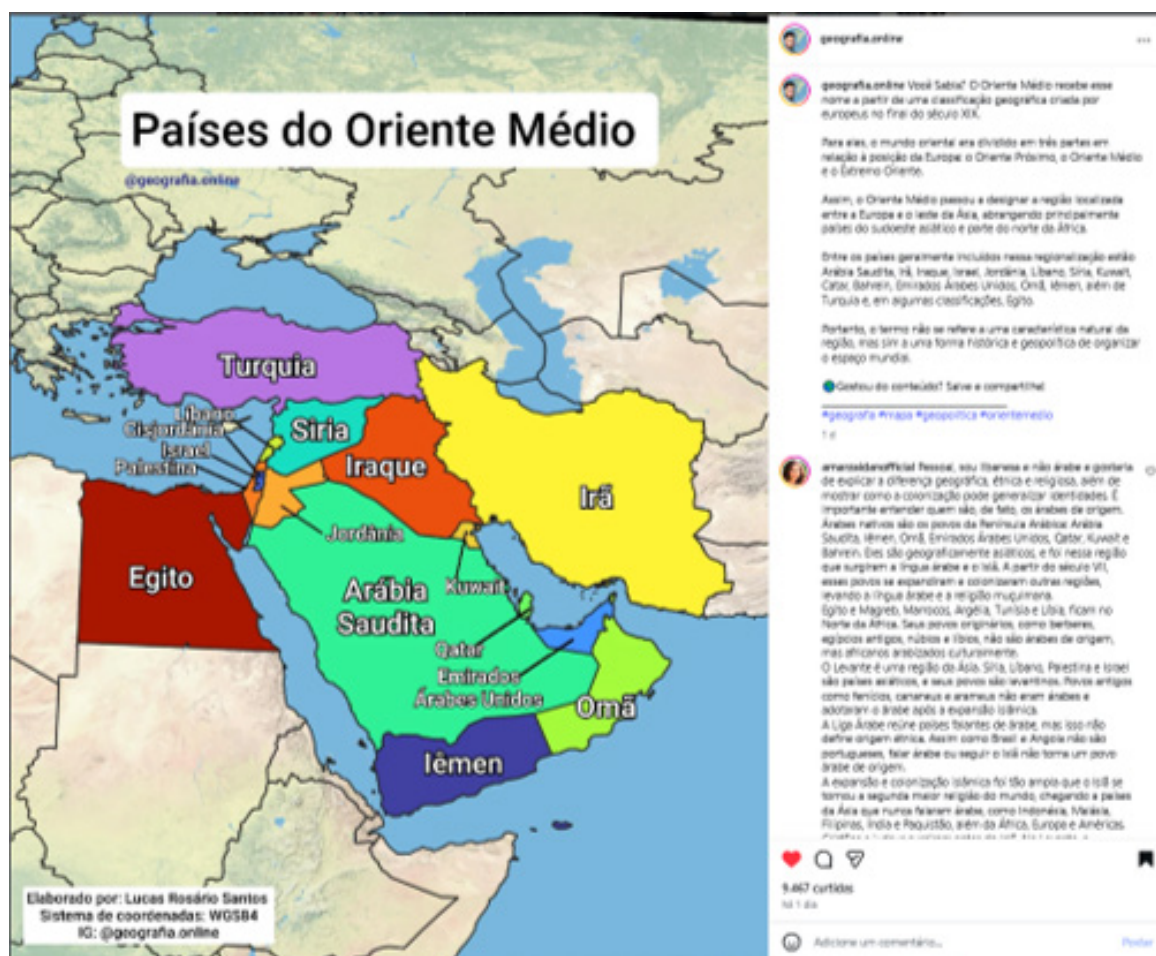
Ao examinar as unidades de registro extraídas das legendas dos veículos de mídia hegemônica no Instagram, identificou-se uma recorrência sistemática de léxicos adjetivados como “regime”, “ameaça teocrática” e “retaliação”. Esse recorte textual atua como o primeiro nível de filtragem da realidade operado na interface. Sob a perspectiva da comunicação organizacional, as diretrizes de distribuição da plataforma impulsionam esses marcadores linguísticos de forte apelo emocional, padronizando um enquadramento que criminaliza aprioristicamente o Sul Global e molda a opinião pública de maneira binária.

E para entender a questão do exemplo proposto, recorreremos ao que o próprio Gaelano (2010) nos propõe: compreender seu contexto sob uma perspectiva histórico-cultural daquele país. O Irã, conforme Katouzian (2009) e Amanat (2017), constitui uma das civilizações contínuas mais antigas do mundo, cuja identidade se forja na tensão entre a herança imperial persa e a espiritualidade islâmica. Desde o Império Aquemênida de Ciro, o Grande, pioneiro na tolerância cultural e administração estatal, até o “saque reverso” da conquista árabe no século VII, onde o

Irã “persianizou” o Islã e liderou a Era de Ouro intelectual, a nação consolidou uma densidade civilizatória que precede e desafia as categorias ocidentais. Esse percurso de soberania, contudo, foi confrontado no século XX pela modernização autoritária da dinastia Pahlavi e pelo golpe de 1953 contra Mossadegh, um episódio clássico de “veias abertas” em que a autodeterminação nacional foi sacrificada ao extrativismo petrolífero do norte global. Assim, a Revolução de 1979 e os recentes conflitos, marcados pela morte do Líder Supremo em ataques estrangeiros em 2026², emergem como reações anticoloniais à desmemória e à submissão. Quando plataformas como o Instagram “recortam” o Irã apenas sob a estética do anacronismo dogmático ou do inimigo teocrático, operam um apagamento histórico que ignora milênios de diplomacia, filosofia e arte, reforçando a hegemonia da episteme ocidental em detrimento da complexidade persa.

Recentemente, o conflito atual entre Irã, Israel e EUA não é uma guerra declarada formalmente, mas sim uma grande operação militar em larga escala iniciada por Israel e Estados Unidos contra o Irã. Esta ação, que resultou na morte do líder supremo iraniano, Aiatolá Ali Khamenei, e de outros altos funcionários, representa uma escalada dramática e um ponto de virada na longa e tensa relação entre os países. Segundo fontes midiáticas³, apesar de negociações indiretas entre EUA e Irã estarem em andamento, a decisão pelo ataque foi tomada com base em uma confluência de fatores que, na visão de Washington e Jerusalém, criaram uma “janela de oportunidade”

Figura 1 – sequência de posts sobre a guerra do Irã



2 Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2026/03/02/bombardeios-que-mataram-ali-khamenei-e-dezenas-de-membros-do-governo-iraniano-levaram-decadas-para-serem-planejados.ghtml> Acesso em: 05 mar. 2026.

3 Disponível em: <https://www.bbc.com/news/articles/cn0z9012291o?xtor=AL-72-%5Bpartner%5D-%5Byahoo.north.america%5D-%5Bheadline%5D-%5Bnews%5D-%5Bbizdev%5D-%5Bisapi%5D>; <https://rtnewsru.com/news/633214-us-israel-iran-war/> Acesso em: 05 mar. 2026.



Fonte: busca no Instagram Acesso em: 5 mar. 2026.

Na figura 1 organizada acima, um Irã é representado através de imagens de satélite frias, tanques de guerra ou multidões indiferenciadas, evocando o “perigo” e o “exotismo” (Said, 2008). Não há rostos individuais ou intelectuais iranianos discutindo o conflito; o “recorte” retira a agência do sujeito persa. Seguindo Foucault (2012), as legendas operam uma “taxonomia do inimigo”. Palavras como “regime”, “ameaça” e “retaliação” criam uma episteme onde qualquer ação defensiva do Irã é codificada como agressão irracional, enquanto a presença militar ocidental é naturalizada como “manutenção da ordem”.

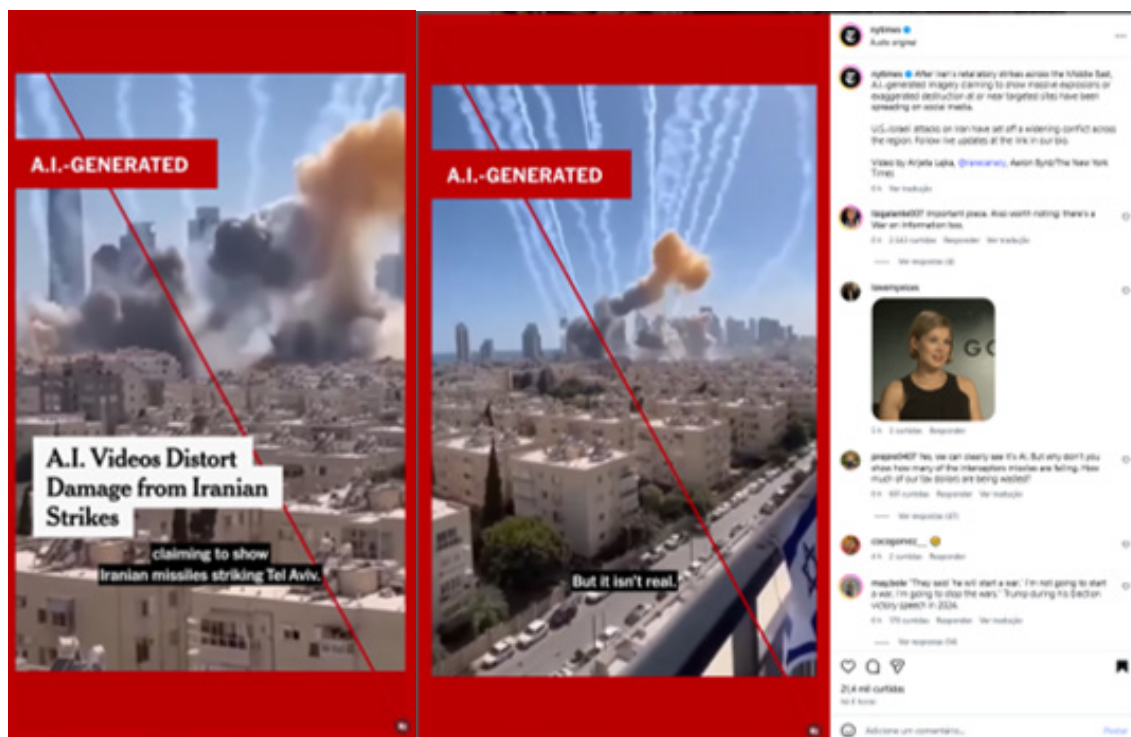
Em uma história repleta de animosidades, a ofensiva militar de fevereiro de 2026 não é um evento isolado, mas o ápice de décadas de tensões que remontam à Revolução de 1979 e à política de “pressão máxima”⁴ iniciada com a retirada dos EUA do acordo nuclear em 2018. No cenário atual, a ameaça existencial percebida por Israel e o enriquecimento de urânio iraniano a níveis militares servem de pano de fundo para o que Aresu (2024) define como a nova geopolítica que envolve, sobretudo, uma disputa por IA. Se no século XX o saque era mineral, hoje a expropriação é algorítmica: o Instagram opera como uma infraestrutura de soberania onde o “recorte” alinha a percepção pública aos interesses das potências que detêm o código. Esse orientalismo computacional automatiza a desmemória de Galeano (2010), transformando a guerra em um espetáculo estético e fragmentado em “pílulas”. Ao desconectar o conflito de suas raízes históricas, como o golpe de 1953, um ecossistema digital impede o luto e a reflexão, convertendo o espectador em um sujeito de consumo de uma tragédia que ele já não consegue mais historicizar.

Ao observarmos a figura 2, podemos compreender que essa desinformação intencional não é apenas o *post*, mas a “polifonia de ódio” ou “consenso de ignorância” gerada pela bolha algorítmica.

Figura 2 – Sequência de *posts* sobre imagens geradas por IA



4 Disponível em: <https://www.ndtv.com/world-news/iran-news-trump-netanyahu-khamenei-the-main-players-in-us-israel-iran-crisis-11149074>; <https://morningstaronline.co.uk/article/nuclear-deal-open-war-how-washington-and-tel-aviv-escalated-iran-conflict>; <https://www.bbc.com/news/articles/cn0z90122910?xtor=AL-72-%5Bpartner%5D-%5Byahoo.north.america%5D-%5Bheadline%5D-%5Bnews%5D-%5Bbizdev%5D-%5Bisapi%5D> Acesso em: 7 mar. 2026.



Fonte: busca no Instagram Acesso em: 5 mar. 2026.

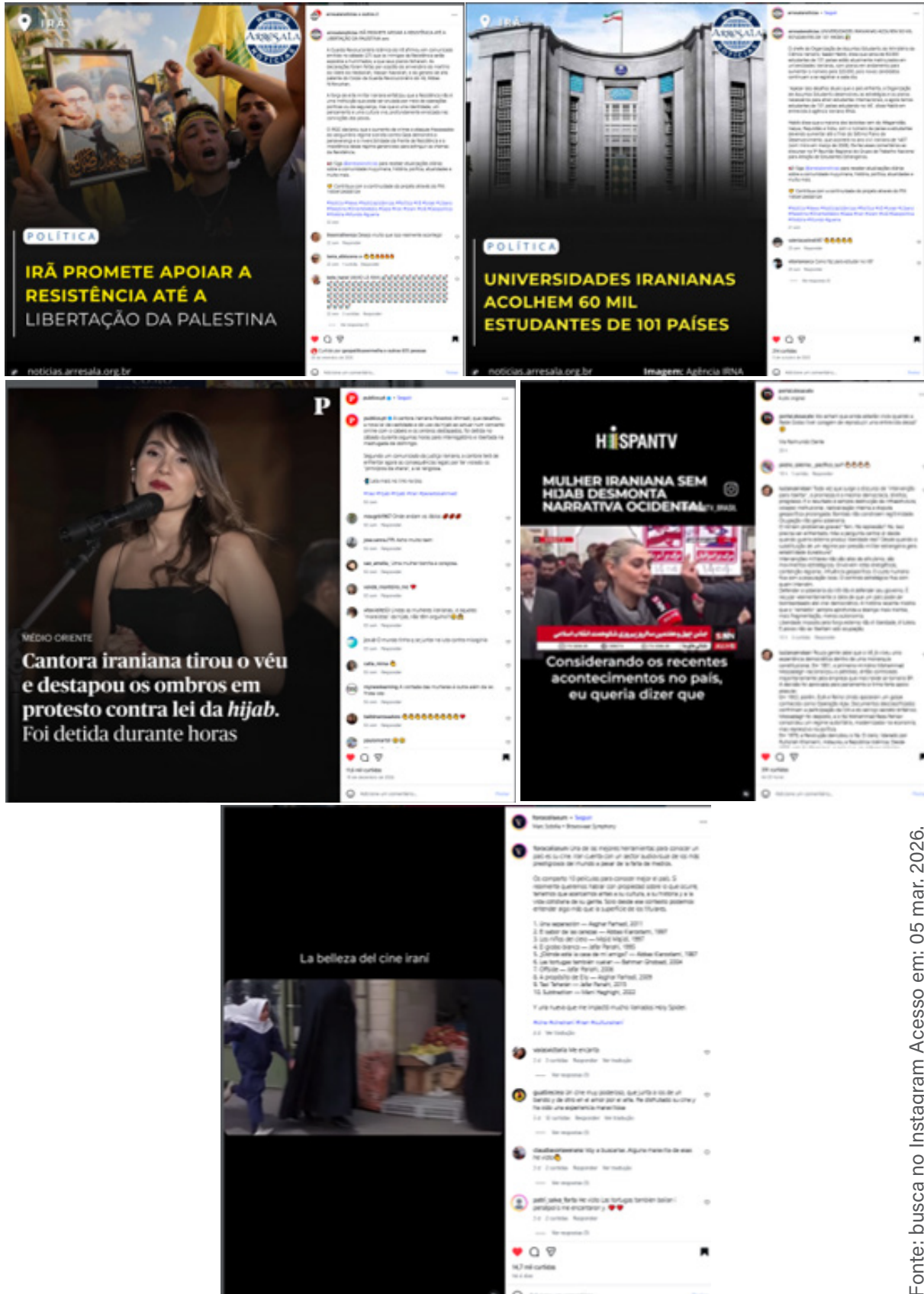
Ao observar a sequência de *posts*, nota-se que a entrega do conteúdo não segue uma lógica cronológica ou de relevância histórica, mas sim uma lógica de soberania tecnológica. Os posts são filtrados por algoritmos cujos parâmetros de “segurança” e “moderação” são definidos no Vale do Silício (Crowford, 2025).

A mediação da imagem do Irã no Brasil opera como um campo de batalha geopolítico onde as big techs alinham a interface à política externa hegemônica (Aresu, 2024). Na figura 2, um “recorte” transcende o editorial para tornar-se ontológico: a realidade é substituída por simulações sintéticas que servem a propósitos de poder. Geradas por modelos de linguagem (LLMs) treinados sob vieses ocidentais, essas imagens rompem totalmente o vínculo entre “palavras e coisas” (Foucault, 2016), criando um Oriente hiper-real saturado de estereótipos (Said, 2007). Esta “verdade sintética” captura o sujeito de consumo através de uma estética impactante que valida preconceitos e anula a profundidade histórica. Ao soterrar as “veias abertas” da realidade sob montanhas de imagens artificiais, a IA opera a desmemória (Galeano, 2010) em escala industrial. Esse orientalismo algorítmico transforma o Irã em um cenário de intervenção, exigindo que o usuário assuma uma consciência de classe digital para questionar a própria existência da imagem consumida.

No que tange às unidades de contexto (as imagens associadas aos posts), o Instagram opera um apagamento visual do Irã. A análise do corpus revelou uma predominância de imagens despersonalizadas: gráficos de mísseis, mapas de satélite e fotos de multidões sem rostos definidos. Essa estratégia visual reatualiza o Orientalismo (Said, 2007) por meio da arquitetura técnica da plataforma: reduz-se uma nação complexa a um objeto estético de pânico moral e militarismo, gerando engajamento corporativo através da espetacularização do medo.

Observando a figura 3, que apresenta uma sequência de imagens que contém narrativas alternativas sobre o Irã, focadas em cotidiano, arte, ciência e vivências locais, representa o momento de ruptura com o fluxo hegemônico. Aqui, o usuário deixa de ser um mero terminal de consumo para exercer a consciência de classe digital.

Figura 3 – Sequência de posts sobre outras narrativas do Irã



Fonte: busca no Instagram Acesso em: 05 mar. 2026.

Diferentemente das figuras anteriores, estes posts sugerem uma ocupação subversiva da infraestrutura. Embora os dados ainda trafeguem pelos servidores das *big techs*, a origem da informação é descentralizada. Ao buscar perfis de jornalistas independentes, artistas locais e acadêmicos do sul global, o usuário desafia uma geopolítica da IA (Aresu, 2024) que privilegia veículos do Norte. É um ato de soberania tecnológica individual: o usuário “reprograma” o seu próprio algoritmo ao forçar a entrada de dados que uma curadoria hegemônica tentaria filtrar. Neste nível, observamos o desmonte do Orientalismo, na medida em que traz o Irã como auto-invenção, reiterando a ideia do país como uma invenção ocidental, denunciado por Said (2007). Ao ver iranianos falando de sua própria arte, arquitetura ou dilemas urbanos, o hiato foucaultiano (1992) entre “as palavras” e “as coisas” começa a ser suturado. O Irã deixa de ser um “objeto de estudo ou medo” para ser um “sujeito de saber”.

Essa figura exige um tempo de consumo diferente: o da desaceleração. Para compreender essas outras narrativas, o usuário precisa abandonar a “aceleração algorítmica” (Cocco; Fortes, 2025) e mergulhar na complexidade. Isso é a consciência de classe digital em ação, ou seja, o reconhecimento de que, para não sermos “saqueados” informacionalmente como descrevia Galeano (2010), precisamos produzir ativamente o nosso próprio conhecimento. Para tanto, o usuário deve entender que o “mar de fake news” é uma ferramenta de controle de classe. Buscar o diverso não é apenas uma curiosidade cultural, é um instrumento de sobrevivência política. Ao privilegiar esses olhares paralelos, o indivíduo deixa de ser um “dado” passivo no banco das *big techs* e assume o papel de analista crítico, capaz de enxergar as estruturas de poder por trás do recorte.

Em contraposição ao fluxo hegemônico, a análise das postagens oriundas de perfis de mídia independente e intelectuais do Sul Global revelou uma ocupação subversiva das brechas infraestruturais do Instagram. Nestes espaços, o Irã emerge através de imagens do cotidiano urbano e discussões históricas densas. O consumo e o impulsionamento deliberado desses conteúdos por parte dos usuários configuram o que Lukács (2018) e o debate contemporâneo caracterizam como a emergência de uma consciência de classe digital. Trata-se do momento em que o sujeito reconhece que a interface não é neutra, mas um território organizacional privatizado. Forçar o algoritmo a computar interações fora do “filtro-bolha” constitui um ato de resistência cognitiva, onde o usuário substitui o tempo efêmero do “scroll” passivo pelo tempo denso da contextualização histórica e da educação crítica para a mídia.

Portanto, a figura 3 é o contra-exemplo necessário, na medida em que prova que a “algoritmização” da vida não é um destino absoluto, mas um campo de disputa. Assim, uma formação de opinião crítica sobre um Irã pouco pautado na mídia hegemônica ocidental, e sobre o sul global como um todo, depende dessa busca deliberada por fontes que não foram “saqueadas” pela lente ocidental, permitindo um encontro genuíno com a alteridade, livre do julgamento prévio da episteme imperialista. Em um poder que deveria ser exercido de baixo para cima, cada compartilhamento dessas outras narrativas deve ser compreendido como um micro-ataque à “ordem do discurso” imposta pelo filtro ocidental.

De alguma forma, educação para a mídia, nesta perspectiva, não deve ser apenas técnica, mas política. Ela deve ser um processo de descolonização do olhar, que passa necessariamente por dois pilares. O primeiro deles repousa no reconhecimento da escolha política, na medida em que permite entender que o “algoritmo” não é uma entidade matemática abstrata, mas uma

decisão editorial automatizada. O recorte é uma escolha política da plataforma para manter a hegemonia narrativa ocidental. O segundo reside na soberania tecnológica e busca pelo diverso, ao passo que procura Conhecer outra cultura sem julgá-la, ou, nos termos de Said (2007), o “desaprender” do orientalismo, que exige o que chamamos de contraponto. Isso significa buscar narrativas que fujam da própria aceleração, na direção de um tempo lento da história e da pesquisa, em oposição ao tempo frenético do Instagram.

Assim, uma resistência crítica reside na quebra da simetria entre o que o algoritmo oferece e o que o usuário aceita. Investir em uma desaceleração, envolve um ato de não reagir imediatamente, buscando, por exemplo, fontes do sul global para falar sobre o próprio sul global, rompendo com o ciclo de desmemória e alienação denunciado por Galeano (2010). Precisamos desconstruir uma “veia aberta” da atualidade, em que o fluxo de dados que alimenta uma visão de mundo onde o “outro” só existe para ser consumido, julgado e, por fim, silenciado pelo filtro hegemônico ocidental. E essa representa uma prática de “solidariedade epistêmica” para “suturar” as veias abertas através do conhecimento direto e não mediado apenas pelos filtros do Norte, que nos fornece mais instantes de indignação com cada “recorte”, o que pode se tornar um combustível de consciência, para então buscarmos novos “contrapontos” fora dessa estrutura acelerada.

Considerações finais

O “poder do recorte” é uma das facetas mais sofisticadas do controle social contemporâneo. Por exemplo, ao reduzir o conflito entre EUA e Irã a pílulas visuais no Instagram, a mídia hegemônica ocidental silencia nuances e reforça a hegemonia cultural. Para sobreviver nesse ecossistema, existe a necessidade de uma realfabetização decolonial (Fanon, 2008; Mbembe, 2011; Gonzalez, 1984). Sobreviver aos “recortes” é, em última análise, um ato de resistência contra o novo saque das veias abertas. A construção da opinião só é possível quando o sujeito reconhece que o algoritmo do Instagram é um agente de poder (Foucault, 1985) projetado para manter a hierarquia geopolítica mapeada por Said (2007) e Aresu (2024). Formar opinião em meio ao caos algorítmico é, portanto, uma tentativa de suturar as veias que a mídia hegemônica insiste em manter abertas para drenar nossa capacidade de autodeterminação.

Evidências e discussões aqui costuradas convergem para a necessidade premente de o campo da Comunicação Organizacional reposicionar as *big techs* no centro de suas investigações críticas. Longe de operarem como meros suportes técnicos ou canais neutros de transmissão, essas corporações transnacionais consolidam-se como as organizações soberanas da contemporaneidade, cujo principal vetor de valorização econômica e política reside na capacidade de decretar regimes de visibilidade e invisibilidade. O “poder de seus recortes” exercido por suas infraestruturas algorítmicas privatizadas não apenas modula a opinião pública em escala global, mas atua como um aparato ideológico estruturado que atualiza dinâmicas coloniais e assimetrias de poder, como demonstrado na reedição automatizada do orientalismo na cobertura do Irã. Assim, problematizar a governança discursiva dessas plataformas revela que a disputa contemporânea de sentidos não se dá apenas nas redes, mas pelas próprias lógicas organizacionais corporativas que hoje gerenciam a imaginação política e a autonomia cognitiva da sociedade.

A velocidade do *feed* impede que a população latino-americana (ou qualquer espectador do Sul) perceba as semelhanças entre o cerco ao Irã e o cerco histórico à própria América Latina. Inserido em um processo de aceleração algorítmica (Cocco; Fortes, 2025) utilizado enquanto ferramenta de submissão, o domínio ocidental sobre os algoritmos recria um orientalismo (Said, 2007) digital em milissegundos. Uma análise da trajetória informacional sobre o Irã no Instagram revela que o “poder do recorte” não é um acidente técnico, mas uma sofisticada estratégia de geopolítica da imagem. Através de diversos cruzamentos teóricos, constatamos que as plataformas digitais operam como novos engenhos de um saque simbólico, onde a alteridade é processada por algoritmos para alimentar a hegemonia narrativa ocidental. Sobreviver a esse ecossistema exige mais do que apenas o acesso à informação; exige a construção de uma Consciência de Classe Digital, que começa quando propomos que o usuário reconheça sua posição não apenas como consumidor, mas como um sujeito cuja atenção e subjetividade estão sendo expropriadas. Isso pode evidenciar um processo educativo para a descolonização do olhar passa, necessariamente, por identificar um “recorte” como uma escolha política e infraestrutural, e, desta forma, abandonar a passividade do “sujeito de consumo”, movido pela aceleração algorítmica (Cocco; Fortes, 2025), para assumir a postura do sujeito de saber, que busca ativamente o contraponto e as fontes de resistência de um sul global, entendendo que a formação de opinião crítica requer o tempo da história, e não o tempo do *scroll*.

Para tanto, a superação desse cenário exige uma postura ativa de busca por fontes contra-hegemônicas e a compreensão de que a interface é, antes de tudo, um campo de batalha político. Uma sobrevivência intelectual depende da capacidade de romper a bolha e enxergar as veias que continuam abertas, agora no território digital. Essa “sobrevivência” em meio ao universo midiático exige mais do que checagem de fatos; exige uma consciência de classe (Luckács, 2018) digital. Formar opinião hoje exige um processo de “desaprendizagem” das ferramentas digitais. Uma educação para a mídia não deve apenas ensinar a ler notícias, mas a identificar os mecanismos de poder por trás do algoritmo, para enfrentamento da fragmentação como estratégia, que transforma geopolítica complexa em entretenimento ou pânico moral.

Uma desinformação da estrutura midiática ocidental é a ferramenta moderna que mantém “as veias abertas”, garantindo que a América Latina continue sendo uma “propriedade” do norte, confundindo a população para que ela mesma apoie os mecanismos de sua própria espoliação. Somente ao entender a algoritmização como um processo de disputa geopolítica e de aceleração do capital poderemos começar a construir opiniões que não sejam apenas ecos de um filtro (Pariser, 2012) programado.

A formação de opinião em tempos de guerra e algoritmos é um ato de insurreição. Ao unirmos a consciência de classe lukacsiana à desconstrução foucaultiana da “ordem das coisas” digitais, abrimos caminho para uma ética do olhar. Sobreviver ao recorte é, fundamentalmente, recuperar o direito de nomear o mundo e a si mesmo, fora das taxonomias impostas pela geopolítica das máquinas. Suturar “as veias narrativas abertas” pela mídia hegemônica é, portanto, um ato de insurreição epistêmica. Ao buscar o diverso sem o filtro do julgamento ocidental, o analista crítico da imagem reivindica o direito de enxergar o mundo além das pílulas informacionais, transformando o próprio Instagram enquanto campo de alienação, em um espaço de disputa e soberania.

Referências

- AMANAT, Abbas. **Iran: a modern history**. New Haven, London: Yale University Press, 2017.
- ARESU, Alessandro. **Geopolitica dell'intelligenza artificiale**. Milano: Feltrinelli, 2024.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: edições 70, 2013.
- COCCO, Giuseppe; FORTES, Felipe. **Aceleração Algorítmica, Crise da Soberania e Noopolítica: a Batalha pelo Controle das Redes**. Lugar Comum, Rio de Janeiro, n.72, 2025. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lc/article/view/68200/43224> Acesso em: 01 mar. 2026.
- CROWFORD, Kate. **Atlas da IA**. São Paulo: Edições Sesc, 2025.
- FANON, Frantz. **Peles Negras Máscaras Brancas**. Salvador: Edufba, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.
- LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe: estudos de dialética marxista**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.
- KATOUZIAN, Homa. **The Persians: Ancient, Mediaeval and Modern Iran**. London: Yale University Press, 2009.
- MACHADO, M.; ZANINI, M. C. **A algoritmização da beleza: poder, padronizações e a proliferação da harmonização facial em tempos de IA**. Revista Linguagem em Foco, Fortaleza, v. 17, n. 3, p. 291–311, 2025. DOI: 10.46230/lef.v17i3.15740. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/15740> . Acesso em: 03 mar. 2026.
- MBEMBE, Achille. **A universalidade de Frantz Fanon**. Cidade do Cabo, 2011.
- PARISER, Eli. **O Filtro Bolha: O que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- SAID, Edward. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- VAN DIJCK, José. **La cultura de conectividad: una historia crítica de las redes sociales**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016.